

**ARLINE DA SILVEIRA
CAROLINA DE OLIVEIRA**



Cantando, contando e recontando histórias...

Grupo 3: Ação e Imaginação!!!

**FLORIANÓPOLIS,
JULHO DE 2010.**

**ARLINE DA SILVEIRA
CAROLINA DE OLIVEIRA**

Cantando, contando e recontando histórias...

Grupo 3: Ação e Imaginação!!!

Relatório apresentado com base no período de estágio obrigatório realizado na Creche Nossa Senhora de Lurdes, como pré-requisito da disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil II, orientado pela professora Vanda Cristina Moro Minini, realizado pelas alunas Arline da Silveira e Carolina de Oliveira, acadêmicas da oitava fase do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina.

**FLORIANÓPOLIS,
JULHO DE 2010.**

“A criança é feita de cem. A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar. Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar. Cem alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar. Cem mundos para sonhar. A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem), mas roubaram-lhe noventa e nove. A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo. Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de não falar, de compreender sem alegrias, de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no Natal. Dizem-lhe: de descobrir o mundo que já existe e de cem, roubaram-lhe noventa e nove. Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a imaginação, o céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas. Dizem-lhe: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário, as cem existem.”

Loris Malaguzzi

SUMÁRIO:

1- <i>Introdução</i> - CONTA, CONTA UMA HISTÓRIA! UMA HISTÓRIA? É DE LOBO E DE BRUXA: Os clássicos no universo da Educação Infantil.....	p. 05
2- Educação Infantil: uma história ou muitas histórias?.....	p. 07
2.1. Três Porquinhos.....	p. 09
2.2. Chapeuzinho Vermelho.....	p. 11
2.3. João e Maria.....	p. 14
2.4. Bruxa, bruxa, venha à minha festa!.....	p. 15
3- Alguns retalhos de nossas reflexões.....	p. 19
4- Referencial Bibliográfico: Algumas contribuições.....	p. 21
5- Anexos: Retalhos importantes da narrativa.....	p. 22

1- CONTA, CONTA UMA HISTÓRIA! UMA HISTÓRIA? É DE LOBO E DE BRUXA: Os clássicos no universo da Educação Infantil.

“As histórias atuam como tapetes mágicos que transportam a criança para uma outra dimensão, como passaportes para o imaginário”.(GIRARDELLO, 1998).

O presente relatório realizado para a disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil II, sob orientação da Professora Dra. Vanda Minini, busca elencar elementos sistematizados para socializar as vivências e experiências que obtivemos durante a referida disciplina e nossa prática no universo da educação infantil, fazendo uma ponte entre a prática e as teorias abordadas na 7ª fase.

Nosso estágio foi realizado na Creche Nossa Senhora de Lurdes, dando continuidade a mesma instituição do semestre passado, desta forma nossa inserção na creche foi mais fácil, tanto como fatores burocráticos quanto os pedagógicos, tais como: a aceitação do corpo docente da creche, pois já tínhamos estabelecido relações, mesmo não dando continuidade ao mesmo grupo do semestre anterior, isto se deve ao fato que o grupo neste ano passou a freqüentar a primeira série do ensino fundamental, já conhecíamos algumas crianças, o espaço da creche e as possibilidades que esta poderia nos oferecer.

Diferentemente do estágio anterior que tínhamos ficado responsáveis pelo grupo 6, neste nos aventuramos a se deleitar com o grupo 3, enriquecendo ainda mais nossas experiências durante o período acadêmico.

O grupo 3 é constituído por 15 crianças, Maria Luiza, Isadora, Arthur, Lucas, Caíque, Ana Júlia, Hendrew, Jennifer, Raíssa, Victor, Danielly, Graziela, Emily, Kauã e Ana Carolina e 2 professoras.

Durante nossa semana de ¹observação, as crianças e as professoras foram nos dando pista do que poderíamos abordar em nosso projeto, durante o parque, na hora da roda, nos momentos até da higiene e alimentação o Lobo e a Bruxa era o enredo predileto das crianças, elas sempre traziam algum elemento destes personagens nas suas brincadeiras. Pensando em contemplar suas curiosidades, desejos e propiciar um contato maior com as histórias que lhe traziam momentos de alegrias, criamos o ²projeto: Cantando, contando e recontando histórias.

¹ Anexo 1 relatório de observação

² Anexo 2 projeto elaborado para o grupo

Com este projeto tínhamos a intenção de promover para as crianças um maior contato com vários clássicos infantis e as distintas formas de contar estes.

Como as crianças despertaram vontades de conhecer vários tipos de materiais, nos remetemos a isto, pois sempre que tirávamos de nossas bolsas alguma caneta, papel, ou até mesmo se caísse algo de diferente elas queriam tocar, usar e sempre perguntavam o que era e para que servia. Passamos a ³planejar experiências com diferentes materiais para que eles tivessem um maior contato e manuseassem de sua maneira ímpar, outra questão que nos chamava bastante atenção no grupo eram as brincadeiras, principalmente as que se remetia a brincadeira de casinha, onde as crianças traziam falas, gestos e ações feitas pelos pais ou responsáveis em um contexto fora da creche, em nossas situações significativas sempre buscamos dar espaço a brincadeira.

Acreditamos que o brincar é a forma privilegiada das crianças conhecerem, corresponderem e se expressarem no mundo, segundo Leontiev (1988) a brincadeira é a principal atividade, principalmente se remetendo ao cotidiano da Educação Infantil, para que esta tão importante “atividade” seja executada de maneira prazerosa pelas crianças, estas não devem ser impedidas de brincar e principalmente de exercitar seu campo imagético, pois segundo Girardello (1998, p.130) a imaginação para a criança é:

... “um espaço de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança se move junto – se comove – com o novo que ela vê por todo lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão que vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis. Ela tem necessidade da emoção imaginativa que vive através da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, no contato com a arte, e da mediação adulta: o dedo que aponta, a voz conta ou escuta, o cotidiano que aceita”.

A imaginação anda sempre junta com a brincadeira e vice-versa, e é na imaginação que a criança encontra subsídios para se colocar no lugar do outro adulto que busca representar, ele é levada a expressar seu comportamento em um nível mais elevado de exigência social. Com isso, ela exercita e aprende, pouco a pouco, a controlar sua vontade e conduta. Se delimitando a brincadeira, a criança reflete, coordena, organiza, e compreende o mundo em sua volta.

Assim nosso projeto além de propiciar um contato com o universo literário de boa qualidade, buscando aguçar sua imaginação, de uma forma que a criança não fosse apenas ouvintes de nossas narrações, mas sim interagir conosco ao mesmo tempo, para isso disponibilizamos vários recursos, deixando também elas brincarem de narrar histórias da sua própria maneira.

³ Anexo 3 planejamento elaborado a partir do projeto

Educação Infantil: uma história ou muitas histórias?

O Narrar é um processo que nasceu com o homem, de sua vontade de comunicar aos outros o que foi visto e vivido. Muitas das narrativas que conhecemos como herança de nossa literatura tem uma parcela de imaginário presente que acrescenta magia ao real narrado. Dentre estas narrativas, podemos citar os clássicos tão conhecidos em nosso dia-a-dia.

Desde os povos mais primitivos, que tinham suas narrativas por meio de desenhos nas cavernas, podemos perceber que o desejo de transmitir um conhecimento por meio de linguagem se faz presente. Muitas foram às histórias contadas à beira da fogueira que trouxeram o mágico para habitar no imaginário dos povos e foram perpetuadas por diversas gerações, sendo presentes ainda hoje em nossas vidas.

Esse encantamento, a magia trazida pelo narrador, nos lembra as palavras de MACHADO (2002, p. 9) na obra *Como e Por que Ler os Clássicos Universais Desde Cedo*:

“Lembro dos moinhos de vento, dos rebanhos de carneiros, de Sancho sendo jogado para o alto a partir de uma manta estendida como cama elástica, das surras que o pobre cavaleiro levava, de sua prisão numa jaula transportada por uma carroça... Mas lembro, sobretudo e para sempre, de como eu torcia por aquele herói que queria consertar todos os erros do mundo, ajudar todos os sofredores, defender os oprimidos”.

Essas narrativas constroem o psicológico de quem as ouve com elementos que vão além da magia inicial, habitam a memória e o imaginário construindo-os. Muitos dos nossos clássicos contem elementos morais de grande influência para a construção de valores morais como o respeito ao diferente, a amizade, a obediência e outros tantos valores que existem por trás das letras de uma história e criam vida a cada vez que o narrador lhes dá a voz.

Desde o berço, as histórias contadas nas cantigas entoadas trazem a familiaridade com personagens que vão fazer parte da vida da criança nos próximos anos de sua vida. As chamadas “cantigas de acalanto” como nos cita Debus (2006, p.49), em sua obra *Festaria de Brincança – A leitura literária na Educação Infantil*, quando nos fala deste primeiro contato com narrativas e personagens por parte da criança, nos afirma que “*A criança entra em contato com a produção literária desde os seus primeiros dias de vida, se reconhecermos a poeticidade emanada das cantigas de acalanto, verdadeiros poemas de afago, que estão presentes no imaginário infantil, num jogo de proteção e repressão*”.

Essas histórias melodiosas, cantadas ao pé do ouvido iniciam um aguçamento do interesse por narrativas da parte das crianças. Com o passar do tempo, estas cantigas vão fazendo parte do cotidiano das crianças seja nas instituições de Educação Infantil ou até mesmo no contexto familiar.

Nessa questão, nossas observações vieram a mostrar a vida que têm nestas músicas e narrativas cultivadas no contexto da Educação Infantil.

Personagens trazidos nestas canções mexem com a construção de uma visão de realidade, muito mesclada ainda com o fantástico ou imaginário presente nesta faixa etária analisada. Quem alimenta e dá vida para estes personagens? Quais personagens alimentamos nas cantigas e narrativas musicais que fazemos para as crianças?

Trazendo as observações feitas do grupo 3, neste dialogar de olhares entre os integrantes deste grupo e nosso olhar, podemos traçar uma linha de compreensão da importância de trabalhar com os clássicos no exercício deste egocentrismo infantil próprio do grupo vivenciado. Um clássico tem alma, tem história e leituras a serem conhecidas, no caso das crianças desta faixa etária deve-se tomar um cuidado de selecionar a narrativa mais própria à compreensão unida à ilustração mais adequada. Esse cuidado procurou-se ter nas várias narrativas do projeto.

No período necessário de observação participante do grupo, em meio aos cuidados e momentos de brincadeira, percebemos que os personagens das histórias infantis clássicas eram os companheiros preferidos trazidos pelas crianças nas diversas linguagens expressadas. Nas conversas, nos momentos de faz-de-conta individuais e nos grupos personagens como a Bruxa e o Lobo Mau eram muito presentes. Muitas das vezes cenas em que o Lobo Mau atacava eram dramatizadas de forma espontânea pelo grupo. O que nos fazia perceber a possibilidade de ampliar este tema durante nosso período de intervenção, enriquecendo e conhecendo outras narrativas que o grupo poderia estar compartilhando neste momento de contação de história.

Durante a observação houve vários momentos em que as histórias estavam presentes, um dos momentos mais lembrados por nós foi quando uma das professoras do grupo foi arrumar o jantar das crianças no refeitório e ficamos por alguns minutos com o grupo que se encontrava muito inquieto, como que a buscar algo que não compreendíamos. Chamamos as crianças para o tapete com o convite de que ouvissem uma história, aos poucos, uma a uma, as crianças foram se aproximando e contamos a história dos “Três Porquinhos”. Naquele momento, olhinhos admirados nos fitavam e enchiam-se de brilho a cada aventura vivida pelos personagens da história narrada.

Naquele instante e em outros momentos de contato com histórias percebemos claramente que *“O lobo e outros personagens, como a bruxa, traziam emoções ao grupo que ouvia tudo atentamente”*. (Trecho do registro de observação de 05.04.2010) Essa percepção deu-nos coordenadas de como construir um projeto em que estes elementos fossem contemplados pelo olhar do grupo. Assim nasceu o Projeto *“Cantando, contando e recontando histórias...”*, projeto que se focou na capacidade imaginativa ao trazer a imaginação da criança para o cotidiano e direcionar ações em que esta seja explorada e re-significada.

Compreendemos que as histórias que narramos para as crianças durante este projeto são como o contar de uma história de vida, de algo real, porém envolvido neste mundo maravilhoso que revela uma parte, pequena, porém, importante para a construção deste imaginário. Com estas histórias ela vai construindo um mundo que a fará compreender-se e compreender o outro, como que a montar um quebra-cabeça. Considerando estes pequenos fragmentos literários, podemos observar que as crianças:

[...] “se sentem atraídas irresistivelmente pelos detritos, onde quer que eles surjam – na construção de casas, na jardinagem, na carpintaria, na confecção de roupas. Nesses detritos, elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas assume para elas, e só para elas. Com tais detritos, não imitam o mundo dos adultos, mas colocam os restos e resíduos em uma relação nova e original. Assim, as próprias crianças constroem seu mundo de coisas, um microcosmo no macrocosmo. O conto de fadas é uma dessas criações compostas de detritos – talvez a mais poderosa na vida espiritual da humanidade, surgida no processo de produção e decadência da saga. A criança lida com os elementos dos contos de fadas de modo tão soberano e imparcial como com retalhos e tijolos. Constrói seu mundo com esses contos, ou pelo menos os utiliza para ligar seus elementos.” Benjamin (1985: 237-238)

Para montagem deste quebra-cabeça, convidamos o grupo para uma viagem de descoberta do conteúdo da nossa “Sacola Mágica”, personagem de nossas semanas de intervenção que nos trazia alguma história diferente, alguma aventura onde as Bruxas ou o Lobo faziam parte do elenco. O convite foi aceito! Já no primeiro dia, a “Sacola Mágica” nos trouxe a história dos “Três Porquinhos” onde os três irmãos construíram suas casas em diferentes materiais (palha, madeira, tijolo) que foram conhecidos pelas crianças, em um exercício de trazer elementos do imaginário para o contexto do real.

2.1. Os Três Porquinhos

Para enriquecer a narrativa foram montadas três caixas de sapato com os materiais dos quais foram construídas as casas presentes na história e cada caixa foi desvendada pelo grupo que observava o peso das caixas e som que faziam. As expressões das crianças se iluminavam ao abrir as caixas e revelar o conteúdo delas. Todas as crianças do grupo tiveram o tempo que precisavam, individualmente, para conhecer os materiais trazidos nas caixas.



Esse imaginar compõe a mais bela narrativa que dá origem ao que conhecemos, um tijolo ou um pedaço de madeira pré-existiram, na forma, no mundo imaginário de um homem e foram moldados para algum uso deste mesmo homem. Segundo Souza (1994, p. 147), em sua obra intitulada “*Infância e Linguagem*”:

“Nesse sentido, tudo o que nos rodeia e tenha sido criado pela mão do homem, todo o mundo da cultura (com exceção do mundo da natureza), tudo é produto da criação e da imaginação humana. Portanto diz Vygotsky (1987), todos os objetos da vida diária, sem excluir os mais simples e habitual, são como *fantasias cristalizadas*”.

Esse processo criativo foi o foco dos momentos seguintes em que palitoches de porquinhos, pintados pelo grupo, foram confeccionados e levados para casa, onde a família se envolveu com a narrativa das crianças do grupo, em um compartilhamento enriquecedor de narrativas.



2.2. Chapeuzinho Vermelho

O Lobo novamente entra em cena... Com sua astúcia leva chapeuzinho a se atrasar e a aguarda na casa da Vovó... Essa e algumas outras aventuras de Chapeuzinho Vermelho nesta história foram vividas intensamente pelas crianças do grupo. A chegada do Lobo na floresta, logo após a cantiga cantada por Chapeuzinho, mexeu com a atenção e preocupou alguns, como por exemplo, Kauã e Lucas, que não desgrudaram seus olhinhos do livro como que a tentar avisar Chapeuzinho do perigo que o Lobo trazia.

Após a vitória de Chapeuzinho e sua Vovozinha, escrevemos uma carta e deixamos em uma árvore do parque, o passarinho levou nossa carta para a Vovó e todos ficamos na espera...

Envolver o grupo nesta carta teve um desafio para nós, afinal, o faz-de-conta tem que ser construído linha a linha, letra a letra, ponto a ponto para que o mundo da magia possa estar presente. Neste processo, o educador deve beber do cálice da narrativa e ser a “criança” mais envolvida pela história contada e alimentada no grupo. Expressões como “– Será que Vovó já recebeu nossa carta?” ou narrativas como “ O passarinho voou, voou e bateu na porta da casa da Vovó...TOC, TOC, TOC...” devem estar presentes para que o grupo sinta estar vivendo uma experiência real e significativa.

Mas será que Vovó respondeu nossa carta? Na carta pedíamos que nos ensinasse um doce

bem gostoso para fazermos na creche...

Hum... Mais uma surpresa! Sabe quem veio trazer nossa carta? O Lobo vestido de carteiro...

Mas tudo tem que ser esclarecido, preparado, conversado de forma consciente com o grupo... Foi feita uma pesquisa para saber quem gostaria de ver o Lobo, alguns poucos mostraram ter medo, mas outros, considerando o fato um pouco distante da realidade deles, queriam ver o Lobo. A conversa anterior, o explicar do que ia acontecer fez com que muitas crianças se colocassem seguras e dialogassem acerca de seu medo ou não, essa confiança construída entre o educador e o grupo é muito importante, visto que se cria um laço de respeito e crescimento derivados disto que é importante para o crescimento de ambos.



Outro fator importante a ser destacado é a importância de conhecer o grupo no momento em que as proposições são feitas, pois a qualidade da resposta ao proposto baseia-se nas preferências e dinâmica deste grupo a ser estudado. Os personagens podem trazer um pouco de nossos sentimentos ou até mesmo revelar medos que temos, no caso das crianças, essa identificação com os personagens ocorre de forma muito mais visível e única, nos alertando para a importância do olhar do educador estar atento aos personagens que são elencados em suas narrativas.

Acerca destes personagens, nos fala Magdaleno (2000, p. 93), na obra *“Encontros e Encantamentos na Educação Infantil”*, que “Em cada história um personagem, fantástico ou não, que nas suas aventuras experimentava sentimentos comuns, como a coragem, o medo, a raiva, a

alegria, a insegurança, a tranquilidade e tantos outros mais”. O personagem traz consigo uma mensagem que a criança tem seus sentidos prontos para compreender, e muitas vezes, na nossa atitude de adulto não nos flagramos nas escolhas a serem apresentadas às crianças, trazendo personagens que ao invés de ajudá-las, irão conduzi-las a caminhos não muito saudáveis para o crescimento.

Em tudo presente se faz o elemento surpresa, sobretudo na vida e prática de um educador(a) ...a chegada do Lobo pode ser amigável ou não... Depende de cada um e de sua compreensão.



Bem, a chegada do Lobo teve curiosidade, sorriso e algum choro... O que fazemos diante do novo? A primeira reação de grande parte do grupo (incluindo Emilly, que ficou o período da tarde inteiro perguntando e com medo do Lobo reaparecer) foi de medo perante a chegada do Lobo carteiro. O Lobo trouxe-lhes morangos, suspiros e leite condensado para fazermos a receita deliciosa que a Vovó escreveu na carta endereçada e entregue ao grupo. A visita do Lobo foi rápida, mas durante este tempo algumas crianças do grupo criaram coragem e foram tocar no Lobo que parecia não ser tão mau assim...

Fizemos a receita com ajuda do grupo e nos deliciamos com os sabores deste lanche tão diferente! Morangos, suspiros e leite condensado davam um toque especial para aquela receita tão

boa mandada pela Vovó. O Lobo foi o personagem das brincadeiras daquela semana e logo as crianças foram contando em suas casas e para outras crianças da creche a visita do Lobo daquela tarde, sempre com os olhinhos atentos e fala atenta a todos os detalhes da narrativa.

Com esta visita do Lobo procuramos desmistificar o tão conhecido “Lobo Mau” e trabalhar este olhar das crianças que busca generalizar e castigar o Lobo, sem procurar ver a possibilidade da existência de um “Lobo Bom”. Neste planejamento percebemos o quanto é importante esse diálogo entre todos os que compõem a creche, pois somente com a ajuda das meninas da cozinha, que avisadas previamente da receita que íamos fazer com o grupo, não trouxeram lanche para o grupo naquele dia. Essa articulação entre setores contribuiu para que nosso planejado tivesse ocorrido. Assim como o trabalho conjunto no grupo, que no momento de chegada do Lobo conseguiu acalmar o grupo com as mãos que tínhamos e outras que arrumamos no momento.

O Lobo teve sua comunhão com o grupo ao confeccionarmos com o grupo máscaras do Lobo que foram utilizadas na dramatização livre das crianças. Neste momento, as concepções deste grupo acerca deste personagem criaram asas e surgiram lobinhos e lobinhas bem diferentes, retratando a singularidade de cada uma das crianças do grupo 3.

2.3. João e Maria

Ah, os doces... uma casa de bruxa cheia de doces e dois irmãos perdidos na floresta... acho que isso vai dar uma grande confusão!

Assim como o Lobo, a Bruxa também tinha seu espaço nas narrativas do grupo, por isso, mais uma vez a “Sacola Mágica” visitou o grupo e trouxe a história “João e Maria” para nossa tarde encher-se de aventura. Neste momento, percebemos a importância de selecionarmos narrativas que contenham palavras conhecidas e nível de compreensão compatíveis com o grupo. Isso me lembra as palavras de Magdaleno (2000, p. 87) quando nos diz que:

“Para elaborar um projeto de trabalho é preciso realmente conhecer o grupo de crianças e para isso é necessário estabelecer uma escuta e uma observação atentas, a fim de fazer uma interlocução com o que as crianças nos dizem e nos mostram no cotidiano do grupo. Esse olhar a criança é realmente o ponto de partida, pois só assim podemos traçar objetivos claros respeitando não só sua faixa etária como também o que lhe é significativo e o que é importante para sua interação com o mundo”.



Deixamos uma caixa com palha e esperamos a Bruxa nos visitar... a bruxa veio e trouxe alguns pirulitos que foram a festa do grupo 3. As exclamações eram “Que Bruxa boazinha!”, o grupo se deliciou com o presente da Bruxa. Essa foi uma das formas de desmistificar o personagem Bruxa que também era tido como mal pelo grupo, mas como na experiência com a visita do Lobo muitas crianças tiveram medo, procuramos não trazer a Bruxa em pessoa para levar os doces.

2.4. Bruxa, Bruxa, venha à minha festa!

Mais uma vez a Bruxa veio nos visitar em suas aventuras na floresta... desta vez veio amiga de um menino corajoso que convidou as crianças para uma festa em que animais reais e seres fantásticos se mesclavam entre os convidados da festa.



Mas como entrar nesta festa se as crianças do grupo 3 não tinham um chapéu de Bruxa? Isso não foi problema, rapidamente confeccionamos os chapéus e decoramos cada um a seu jeito. Cores, Giz de cera e lápis de cor ocuparam a mesa do refeitório e a transformaram em uma mesa de artistas. Era o grupo 3 ansioso em estar na festa da Bruxa....



A sala foi preparada à espera do grupo 3 para a festa de despedida, chapéus de Bruxa dispostos sobre a mesa aguardavam o grupo com uma surpresa. Cada criança foi chegando e recebendo seu chapéu para iniciar nossa festa. Debaixo de cada chapéu pirulitos e balas que as crianças saborearam em clima de festa e ao som de uma música com o tema bruxas, contribuição das professoras para nossa festa.

As crianças adoraram a surpresa, essa diversificação de ambientes e tematização da sala fez com que o grupo se sentisse á vontade e as bruxinhas e bruxinhos compareceram com sorrisos no rosto.



Ao se despedir do grupo, vieram às lágrimas e o sentimento de que tudo o que vivemos nos fez compreender o quanto aquele grupo fez parte de nossa formação, seus risos, choros, medos e olhares curiosos irão nos acompanhar em nossa vida. Ao pegarmos nossas bolsas eles perguntam “Vai embora? “ e respondemos sim, com a tristeza de saber que amanhã estarão perguntado se voltaremos, pois o tempo vai avisar-lhes que estamos definitivamente saindo do dia-a-dia deles, daquelas brincadeiras no parques com suas vivências e crescimento.



A história terminou? Não... Com certeza em cada uma das crianças começa uma nova série de narrativas que nem conhecemos seu volume, beleza ou importância. Mexemos um pouco com o grupo, mostramos um mundo onde bruxas podiam ser boazinhas ou más e lobos nem sempre destruíam a casa dos porquinhos ou comiam a Vovó... Mas, bruxas que traziam doces e lobos carteiros que lhes traziam deliciosas receitas da Vovó estiveram presentes nestas semanas.

Diante disso, a literatura, fascínio de muitas crianças, tomou corpo, trouxe personagens e novos enredos para as brincadeiras das tardes chuvosas na sala ou ensolaradas no parque. Nosso objetivo, envolver o grupo nas narrativas e fazer da literatura uma experiência além do imaginário já conhecido, foi alcançado. Nosso projeto não termina aqui, ele continua como possibilidade educativa e sugestão de enriquecimento destes períodos tão vivenciados na creche, pelos grupos e crianças, todos os dias.

3- Alguns retalhos de nossas reflexões...

Diante desta experiência na Creche Nossa Senhora de Lourdes ficou muito claro para nós a importância do planejamento. Seja das situações significativas, como do espaço a receber as crianças. Esse planejamento articulado com os outros setores da creche auxilia no harmonioso desenvolvimento do que estamos propondo... sem esse planejamento minucioso, baseado no interesse e necessidade das crianças do grupo este projeto não teria viabilidade na instituição, em especial, no grupo 3.

Foi de grande aprendizado para nossa formação observar que o espaço físico na educação infantil tem que proporcionar para as crianças um local no qual elas possam expressar-se de maneira singular, ampliar seu campo imagético, seus sentimentos, sua privacidade, sua autonomia, suas formas de interagir... Buscamos contemplar estes pontos no período de observação e intervenção em que lá estivemos.

Portanto, podemos afirmar que o planejamento é imprescindível na prática educacional do professor, tanto na educação infantil quanto nas séries iniciais. Ele não é somente uma “lista de atividades” é também uma reflexão sobre o trabalho que o professor vem exercendo a relação com o grupo e a especificidade de cada criança. Essa reflexão foi frequente, entre o grupo de profissionais e diante das indagações das crianças, que neste mister foram nossas maiores orientadoras do processo.

Quando lembramos a questão do planejamento nos recordamos das palavras de Ostetto (2000, p. 189/190) quando nos orienta que:

“O planejamento não é bom ou ruim em si. Tomado como intenção, está submetido à direção que lhe imprimem. Não adianta ter um “planejamento bem planejado”, se o educador não constrói uma relação de respeito e afetividade com as crianças; se ele toma as atividades previstas como momentos didáticos, formais, burocráticos; se ele apenas age / atua mas não interage / partilha da aventura que é a construção do conhecimento para o ser humano”.

Sobretudo, compreendemos que as crianças gostam e precisam brincar sozinhas (entre elas) sem a intervenção de um adulto, desta forma elas criam, resignificam novas brincadeiras, criando entre si a cultura de pares. Porém, em alguns momentos a intervenção do adulto é bastante positiva, em criar novas situações e desafios.

Em nossa intervenção, narrando histórias, provocando o imaginário das crianças, contribuimos por ampliar o repertório cultural das crianças. Esse fato vivenciamos ao notar que falas dos personagens das histórias que estávamos contando no grupo eram frequentes em

brincadeiras de parque e relatos trazidos por familiares das crianças nos períodos de recepção na instituição e saídas da mesma.

Não concluímos nossa formação nesta experiência, mas trazemos questões que acompanharão nossa prática e exemplos de profissionalismo na Educação Infantil que sempre iremos recordar. Sorrisos, olhares surpresos, choros e algumas falas que vivenciamos no grupo ficarão conosco... iniciamos a tecer uma colcha valiosa com retalhos de narrativas que nos acompanharão e deixarão vestígios nas mentes e corações de crianças e profissionais da instituição que com tanta compreensão nos acolheu neste processo de formação.

4. Referencial Bibliográfico: Algumas contribuições...

BENJAMIN, Walter. Livros Infantis Antigos e Esquecidos in: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985. Obras escolhidas, vol 1.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gladis Elise P. da Silva. **Educação infantil: pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001. 164p ISBN 8573077700 (broch.)

DEBUS, Eliane Santana Dias. . **Festaria de brincança: a leitura literária na educação infantil**. São Paulo: Paulus, 2006. 131p. ISBN 9534924597

EDWARDS, Carolyn P.; GANDINI, Lella; FORMAN, George E. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: ARTMED, 1999. 319p. (Biblioteca ARTMED; Educação Infantil) ISBN 0-89391-933-0

GIRARDELLO, Gilka: **Televisão e Imaginação Infantil: histórias da Costa da Lagoa**. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação. São Paulo: USP, 1998.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. Os Princípios Psicológicos da Brincadeira Pré-Escolar. In: VIGOTSKII, L. LURIA, A. e LEONTIEV, A. **Linguagem Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Editora da USP, 1998.

MACHADO, Ana Maria. **Como o por que ler os clássicos universais desde cedo** – Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. 154p.

OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos de. **A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil**. São Paulo: Cortez, 1995. 159 p ISBN 852495867: (broch.)

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas: Papirus, 2008. 144p. (Agere) ISBN 9788530808761

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios**. Campinas: Papirus, 2000. 200 p. ISBN 853080581X

SOUZA, Solange Jobim e. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas, SP: Papirus, 1994. 173p. (Magistério: Formação e trabalho pedagógico) ISBN 8530802624 (broch.).

VIGOTSKY, Lev. Semenovich; COLE, Michael. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo (SP) Martins Fontes 1998 191p. (Psicologia e pedagogia) ISBN 8533608187: (broch.).

VIGOTSKY, L. S. (Lev Semenovich). . **O desenvolvimento psicologico na infância**. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1998. 326p. ISBN 8533608071 : (Broch.)

5. ANEXOS:
Retalhos importantes da narrativa...



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ACADÊMICAS: Arline Silveira;

Carolina de Oliveira.

Projeto:

CANTANDO, CONTANDO E RECONTANDO HISTÓRIAS.

Trabalho
elaborado para disciplina de Estágio supervisionado em
Educação Infantil II, orientado pela professora Vanda
Cristina Moro Minini.

Florianópolis, 14 de abril de 2010.

PROJETO

Nome:

CANTANDO, CONTANDO E RECONTANDO HISTÓRIAS.

JUSTIFICATIVA:

Por meio da imaginação as crianças descobrem e reconhecem o mundo que a cerca, ao mesmo tempo em que adquirem conhecimento por faz-de-conta, ela também é produtora de conhecimento.

[...] se sentem atraídas irresistivelmente pelos detritos, onde quer que eles surjam – na construção de casas, na jardinagem, na carpintaria, na confecção de roupas. Nesses detritos, elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas assume para elas, e só para elas. Com tais detritos, não imitam o mundo dos adultos, mas colocam os restos e resíduos em uma relação nova e original. Assim, as próprias crianças constroem seu mundo de coisas, um microcosmo no macrocosmo. O conto de fadas é uma dessas criações compostas de detritos – talvez a mais poderosa na vida espiritual da humanidade, surgida no processo de produção e decadência da saga. A criança lida com os elementos dos contos de fadas de modo tão soberano e imparcial como com retalhos e tijolos. Constrói seu mundo com esses contos, ou pelo menos os utiliza para ligar seus elementos. BENJAMIN (1985: 237-238)

O espaço de Educação infantil tem um importante papel na constituição da criança desde a primeira infância, onde ela irá ampliar e explorar um novo mundo cheio de possibilidades e diferentes culturas. Neste novo espaço a criança tem acesso a novas culturas, novo saberes. É um espaço para o aprendizado da criança, onde ela ajuda a construir. A capacidade imaginativa da criança é um dos pontos que gostaríamos de focar nesse projeto. Trazer a imaginação da criança para nosso cotidiano e direcionar ações em que esta seja explorada e re-significada.

A figura do docente tem em sua função proporcionar que está imaginação possa aflorar e ser explorada, o docente pode propiciar por meio de seu planejamento, o faz-de-conta, mas também de outra forma, que não está exclusivamente nas histórias, como em outros materiais, o modo do qual o espaço é organizado instigar a curiosidade das crianças.

O presente projeto surgiu a partir da observação do grupo 3 da Creche Nossa Senhora de Lurdes. Essa observação foi realizada a partir do conteúdo programático da disciplina de Estágio supervisionado em educação infantil II. O grupo é composto por 2 educadoras e 15 crianças.

A faixa etária oscila entre 2 e 3 anos de idade, no transcorrer das observações do cotidiano das

crianças, nos chamou atenção o interesse que o grupo tem por histórias. Durante o parque as crianças sempre traziam alguns personagens para o contexto, em especial o lobo e as bruxas de contos de fadas, quando elas estavam dentro da sala costumavam pegar livros e “contar” as histórias para o restante do grupo. Outro momento que ficou nítido o gosto pelas histórias, foi quando eles pediram para contar uma história de bruxa e uma de lobo, antecedendo a contação de histórias muitos estavam dispersos, foi só começar que ficaram prestando atenção e interagindo com a mesma. Seguindo a história da Branca de neve, logo nos pediram a do lobo.

Deste modo, criamos o projeto “Cantando, contando e recontando histórias”, para saciar esse gosto que o grupo demonstrou pelas histórias.

OBJETIVO GERAL:

- Ampliar e diversificar o repertório cultural e literário das crianças.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Contemplar as diferentes dimensões humanas (lúdico, cognitivo, artístico, afetivo etc.) e, ampliar e diversificar o repertório cultural das crianças, por meio do faz - de - conta;
- Propiciar o acesso a um repertório literário diversificado e de boa qualidade;
- Conhecimento dos clássicos infantis e desenvolvimento da compreensão acerca de narrativas e suas estruturas básicas por meio da arte em diversas linguagens (música, contação e desenhos gráficos);
- Enfatizar a interação e a vivência em grupo, explorando o que cada criança traz para compartilharmos com o grupo.

AÇÕES SIGNIFICATIVAS:

- Contação de histórias, utilizando de recursos e ambientes diversificados;
- Elaborar um livro coletivo em que, nesse processo de criação cada criança possa expressar de uma forma singular o que compreendeu da história;
- Apresentação de peças teatrais com histórias feitas ou escolhidas pelo grupo;
- Elaborar fantoches, dedoches, maquetes, figurinos...
- Visita da caixa mágica de histórias;
- Explorar as brincadeiras e cantigas de roda tais como: Se Essa Rua fosse minha, Caí, Caí, balão, O Sapo, Pai Francisco, Fui no Tororó entre outras;
- Trabalhar cantigas de roda em ritmos diversificados;

- Conhecimento e experiências com ajuda de diferentes materiais, com cores e texturas diversificadas, tais como: cartolina, folhas, giz de cera, cola colorida, lápis de cor, E.V.A., lixa, areia, revistas, papel crepom, panos, etc.
- Massa de modelar; devido a faixa etária do grupo, confeccionaremos uma massa de modelar caseira, para maior apropriação da história trabalhada no momento de contação.

RECURSOS:

- Lápis de cor, hidrocor, tesoura, cola, folhas A4 recicláveis;
- Materiais recicláveis;
- TNT, E.V.A., Cartolina, papel pardo;
- Livros;
- Matérias para confecção da massinha: Água, trigo, sal, azeite e suco em pó;
- Cd e livro: Músicas daqui, Ritmos do mundo – Zezinho Mutarelli;
- Cd com músicas MPB.

TEMPO PREVISTO:

Projeto planejado para 8 semanas, com 3 dias de intervenção em cada uma. Dependendo do interesse do grupo, este poderá ser modificado , sem fins de terminalidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

BENJAMIN, Walter. Livros Infantis Antigos e Esquecidos in Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985. Obras escolhidas, vol 1.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL II
PROFESSORA: VANDA CRISTINA DE MORO MININI
ACADÊMICAS: ARLINE DA SILVEIRA
CAROLINE DE OLIVEIRA

Proposta de Planejamento

Encaminhamento para ser destinado ao grupo 3B, coordenado pelas professoras Celi e Zelândia na Creche Nossa Senhora de Lourdes, durante o período de Estágio.

1ª e 2ª Semana: Primeiro dia...

Situações significativas:

- Apresentação da “Sacola Mágica”
- Leitura do clássico “Os três Porquinhos”
- Jogo das caixas-surpresa – Três caixas circularão simultaneamente nas mãos das crianças que tentarão adivinhar o que contêm dentro de cada uma delas;
- Proposição da brincadeira “Pega – pega”, sendo que quem estiver tocando em um lugar feito de madeira ou tijolo está protegido;
- Na hora da janta, como é de costume da creche, encaminhar as crianças à mesa do jantar cantando a música dos três porquinhos (Quem tem medo do lobo mau...);
- Organização do espaço para os que retornarem da janta possam explorar obstáculos diferentes dispostos na sala e participarem da troca de roupas concomitantemente (caixa de papelão, pedaço de tecido);

Organização do espaço e tempo:

- No primeiro momento vamos fazer o lanche e ao retornar a sala faremos a roda, para apresentar ao grupo a “Sacola Mágica” e ler a história clássica “Os três porquinhos”. A Sacola Mágica será aberta na roda, diante do grupo. Buscaremos dessa maneira aflorar a curiosidade da criança ao fazer certo suspense no conteúdo desta sacola;
- Após contarmos a história ao grupo, os mesmos irão ter em mãos uma das 3 caixas-surpresa, embaladas de forma igual e contendo os materiais tijolo, madeira e palha para que as crianças conheçam os diferentes materiais e texturas que constituem as casas dos porquinhos;

- Para um momento de brincadeira ao ar livre, iremos propor ao grupo uma brincadeira em que se escolha um “pegador”(seria a figura do lobo) que irá em direção às crianças, aquelas que estiverem em contato com algo de madeira, palha ou tijolo não poderão ser pegas;
- Quando chegar a hora da janta, conduziremos a turma para que se dirijam ao refeitório, enquanto se deslocam eles cantarão a música dos porquinhos (Quem tem medo do Lobo Mau...).
- Enquanto as crianças comem, iremos preparar a sala com uma caixa de papelão e um pedaço de tecido ligado ao teto para que ao retornarem possam ter elementos novos na brincadeira, concomitantemente participando da troca de roupas comum a este horário.

Recursos:

- Livro: “Os três porquinhos”
- 3 Caixas de sapato;
- Tijolo;
- Palha;
- Madeira;
- Sacola de Leitura;
- Caixa de Papelão;
- Pedaço de Tecido;

Segundo dia:

Situações Significativas:

- Preencher a figura um dos Porquinhos desenhado em papel pardo com retalhos de revista e cola;
- Pintar carinhas de porquinho feitas de dobradura com giz de cera colorido;
- Desenho livre da compreensão da história dos Três Porquinhos;

Organização do espaço e tempo:

- Iremos iniciar o contato com o grupo refazendo mentalmente com eles os acontecimentos do dia anterior;
- Para conhecer a compreensão do grupo acerca dos animais iremos questionar o grupo sobre os hábitos dos porcos, alimentação, perguntas de conhecimento;
- Para iniciar a tarde, iremos dispor sobre o chão da sala um grande Porquinho desenhado em papel pardo e iremos apresentar-lhes os materiais (cola e pedaços de revista picados) para que seja preenchido nosso personagem;
- Após isso iremos entregar para as crianças carinhas de porquinhos feitas em dobradura para que as crianças pintem, ao término da pintura com giz de cera, os porquinhos serão colocados nas paredes da sala e parquinho da sala para decoração da mesma;
- Após o jantar, as crianças retornam á sala para desenharem livremente no papel.

Recursos:

- Papel Pardo;
- Giz de Cera;
- Cola;
- Pedaços de Revista picados;
- Papel A4;
- Fítilho colorido;
- Fita Durex.

Terceiro Dia:

Situações Significativas:

- Confecção dos porquinhos em palitoche;
- Brincadeira de dramatização da história “Os três Porquinhos”.

Organização do espaço e tempo:

- Em momento de roda iremos perguntar ao grupo o que fizemos no dia anterior e recapitular com o grupo as situações;

- Iremos apresentar os materiais para confecção dos palitoches pelas crianças (cola, papel recortado e palito de picolé) e seguiremos fazendo a montagem dos personagens junto com as crianças;
- Ao terminarem o momento da janta, iremos conduzi-las á sala para que cada criança use seu palitoches para nos contar a história “Os três porquinhos” para o resto do grupo;
- Deixaremos as crianças brincarem livremente com seus palitoches enquanto há a troca de roupas e momento de aguardo dos pais;

Recursos:

- Palito de Picolé;
- Pedacos do corpo do porquinho em papel cartolina, cortados;
- Cola;
- Caixa de sapatos.

3ª e 4ª Semana: Primeiro dia...

Situações significativas:

- Apresentação da “Sacola Mágica”;
- Leitura do clássico “Chapeuzinho Vermelho”;
- Contar para o grupo a história da Chapeuzinho Vermelho, se o tempo colaborar iremos contar no parque que estamos reformando, faremos uma grande roda e contaremos a história com fantoches;
- Logo após a história, conversaremos sobre e escreveremos uma carta para Vovó, perguntaremos na carta uma receita bem gostosa que faremos na creche;
- Após o término da carta, combinaremos de deixar na árvore, assim um “passarinho” pegará a carta e levará até a casa da vovozinha;
- Na hora da janta, como é de costume da creche, encaminhar as crianças á mesa do jantar cantando a música da Chapeuzinho Vermelho (Pela estrada a fora eu vou bem sozinha...);

Organização do espaço e tempo:

- No primeiro momento vamos fazer o lanche e ao retornar a sala faremos a roda, para apresentar ao grupo a “Sacola Mágica” e ler a história clássica “Chapeuzinho Vermelho”. A

Sacola Mágica será aberta na roda, diante do grupo. Buscaremos dessa maneira aflorar a curiosidade da criança ao fazer certo suspense no conteúdo desta sacola;

- Após contarmos a história ao grupo, os mesmos irão escrever, juntamente conosco, uma cartinha para a Vovó de Chapeuzinho Vermelho que será deixada na árvore para ser levada por um passarinho;
- Para um momento de brincadeira ao ar livre, iremos propor ao grupo uma brincadeira em que se escolha um “pegador” (seria a figura do lobo) que irá em direção às crianças;
- Quando chegar a hora da janta, conduziremos a turma para que se dirijam ao refeitório, enquanto se deslocam eles cantarão a música da Chapeuzinho (Pela estrada a fora eu vou bem sozinha...);
- Enquanto as crianças comem, iremos preparar a sala para que ao retornarem possam ter elementos novos na brincadeira, concomitantemente participando da troca de roupas comum a este horário.

Recursos:

- Livro: “Chapeuzinho Vermelho”;
- Sacola de Leitura;
- Pedaco de Tecido;
- Tesoura;
- Papel;
- Envelope;
- Fantoques;
- Canetinha;

Segundo dia:

Situações Significativas:

- Visita do Lobo;
- Chegada da carta da Vovó e frutas;
- Produção da Salada de Frutas ensinada pela Vovó na carta;
- Degustação da Salada de Frutas feita pelo grupo.

Organização do espaço e tempo:

- Iremos iniciar o contato com o grupo refazendo mentalmente com eles os acontecimentos do dia anterior;
- Faremos uma roda na sala e perguntaremos: - Será que a Vovó recebeu nossa carta?;
- Leremos a carta em voz alta para o grupo;
- O Lobo chegará, vestido de carteiro, com uma carta da vovozinha e com uma sacola de frutas, pois a carta da vovozinha ensina uma gostosa salada de frutas com leite condensado;
- Faremos a Salada de Frutas juntamente com as crianças;
- Degustaremos a salada de frutas após o jantar do grupo.

Recursos:

- Diversas frutas: 8 bananas, 6 maçãs, 1 bandeja de morango e 1 mamão;
- 1 Lata de Leite Condensado;
- Fantasia de Lobo;
- Cesta de Vime;
- Carta da Vovó;
- Potinhos de plástico;
- Colheres pequenas;
- Faca;

Terceiro Dia:

Situações Significativas:

- Visita do Lobo;
- Confeção de máscaras de lobo com o grupo;
- Pintura das máscaras;
- Brincadeira de dramatização da história “Chapeuzinho Vermelho”.

Organização do espaço e tempo:

- Em momento de roda iremos perguntar ao grupo o que fizemos no dia anterior e recapitular com o grupo as situações;

- Iremos receber a visita do Lobo no grupo;
- Confeccionaremos as máscaras com as crianças;
- Pintaremos as máscaras e colocaremos o barbante nas máscaras de cada criança;
- Brincaremos de ser o Lobo com as máscaras construídas.
- Ao terminarem o momento da janta, iremos conduzi-las á sala para que cada criança use sua máscara para nos contar a história “Chapeuzinho Vermelho” para o resto do grupo;
- Deixaremos as crianças brincarem livremente com suas máscaras enquanto há a troca de roupas e momento de aguardo dos pais;

Recursos:

- Fantasia de Lobo;
- 16 Máscaras de Lobo já recortadas;
- Lápis de Cor;
- Canetinha;
- Giz de Cera;
- 1 Rolo de Barbante elástico;
- Cola.

Quinta semana...

Primeiro dia:

Situações significativas:

- Apresentação da “Sacola Mágica”
- Leitura do livro “ João e Maria ”
- Pintura dos personagens João, Maria e Bruxa com giz de cera e lápis de cor;
- Apresentação do móbile feito com os personagens pintados pelo grupo;

Organização do espaço e tempo:

- No primeiro momento vamos fazer o lanche e ao retornar a sala faremos a roda, para apresentar ao grupo a “Sacola Mágica” e ler a história “ João e Maria ”. A Sacola Mágica será aberta na roda, diante do grupo. Buscaremos dessa maneira aflorar a curiosidade da criança ao fazer certo suspense no conteúdo desta sacola;

- Após contarmos a história ao grupo, os mesmos irão ter em mãos os personagens da história (João, Maria e Bruxa) que irão pintar com lápis de cor e giz de cera;
- Após o jantar, apresentaremos ao grupo o móbile feito e exposto no teto da sala.

Recursos:

- Livro: “ João e Maria”
- Personagens para colorir(Bruxa, João e Maria);
- Lápis de Cor;
- Sacola de Leitura;
- Giz de cera;
- Durex;
- Barbante;
- Tesoura.

Segundo dia:

Situações Significativas:

- Pintura e desenho da compreensão de alguns momentos da história “João e Maria”;
- Montagem de um grande cartaz com os momentos desenhados no grupo;
- Apresentação do cartaz para o grupo;
- Apreciação do grupo em relação ao que fizeram.

Organização do espaço e tempo:

- Iremos iniciar o contato com o grupo refazendo mentalmente com eles os acontecimentos do dia anterior;
- Para conhecer a compreensão do grupo acerca da história, cada criança irá desenhar em uma folha branca A4 um momento da história trabalhada pelo grupo;
- Após esse momento iremos preparar um grande cartaz com as folhas A4 de modo a englobar a compreensão de todos do grupo;

- Iremos expor este cartaz na parede da sala do grupo e deixar para que as crianças apreciem seus trabalhos.

Recursos:

- Folhas de papel branco A4;
- Fita durex;
- Giz de cera;
- Lápis de cor;

Terceiro Dia:

Situações Significativas:

- Enfeitar uma caixa com figuras de pirulitos e balas juntamente com as crianças do grupo;
- Deixar a caixa no centro da sala para ver se a bruxa deixa doces gostosos para o grupo;
- As estagiárias deixarão os doces na caixa enquanto as crianças jantam;
- Descoberta dos doces pelas crianças e divisão dos mesmos entre o grupo;
- Degustação dos doces.

Organização do espaço e tempo:

- Em momento de roda iremos perguntar ao grupo o que fizemos no dia anterior e recapitular com o grupo as situações;
- Iremos confeccionar a caixa com figuras de balas e doces com as crianças;
- Deixaremos a caixa na mesinha de centro da sala á espera da bruxa;
- Encheremos a caixa com doces na hora da janta das crianças;
- Após a janta, faremos um clima de suspense e encaminharemos a turma para encontrar os doces deixados pela bruxa;
- Distribuíremos os doces;

Recursos:

- Pirulitos;
- Caixa de papelão;
- Figuras de doces;
- Cola;
- Durex;
- Palha;
- Lixeiro.

Sexta semana...

Primeiro dia:

Situações significativas:

- Apresentação da “Sacola Mágica”
- Leitura do livro “Bruxa, bruxa vem a nossa festa!”
- Decoração dos “Chapéus de Bruxa” dados a cada uma das crianças;
- Pintura do “Chapéu da Bruxa” com cola colorida;
- Na hora da janta, como é de costume da creche, encaminhar as crianças á mesa do jantar cantando a música da bruxa (Ô bruxinha pequeninha...);

Organização do espaço e tempo:

- No primeiro momento vamos fazer o lanche e ao retornar a sala faremos a roda, para apresentar ao grupo a “Sacola Mágica” e ler a história “ Bruxa, bruxa vem a nossa festa! ”. A Sacola Mágica será aberta na roda, diante do grupo. Buscaremos dessa maneira aflorar a curiosidade da criança ao fazer certo suspense no conteúdo desta sacola;
- Após contarmos a história ao grupo, os mesmos irão ter em mãos um chapéu de bruxa, de papel cartão, que irão decorar;
- No refeitório, as crianças irão decorar o chapéu com cola colorida, vendo sua textura e coloração;

Recursos:

- Livro: “ Bruxa, bruxa vem a nossa festa! ”

- 15 folhas de papel cartão;
- Cola colorida;
- Sacola de Leitura;
- Água;
- Toalha de pano para mãos.

Segundo dia:

Situações Significativas:

- Verificação (pelas crianças) da secagem da cola colorida;
- Recebimento do Chapéu da Bruxa pelas crianças;
- Festa com pratos de doces mandados pela bruxa;

Organização do espaço e tempo:

- Iremos iniciar o contato com o grupo refazendo mentalmente com eles os acontecimentos do dia anterior;
- Para conhecer a compreensão do grupo acerca da característica dos materiais iremos fazer circular pelo grupo o chapéu confeccionado no dia anterior e perguntaremos se a cola está seca ou molhada, suas características, etc...
- Após esse momento iremos preparar a mesa de doces e a festa da bruxa que ocorrerá após o jantar das crianças;
- Após o jantar, as crianças retornam á sala e será entregue a cada uma seu chapéu e todas se reunirão ao entorno da mesa de doces para a “festa da Bruxa”.

Recursos:

- Chapéu em papel cartão;
- Balas mastigáveis;
- Pirulitos;
- Fítilho colorido;

- Fita Durex.

Terceiro Dia:

Situações Significativas:

- Retrospectiva das situações vividas no período de estágio;
- Conhecimento e convite para visitarmos a casinha pintada pelas crianças da creche;
- Condução e preparação das crianças para a festa de encerramento e inauguração da casinha da creche.

Organização do espaço e tempo:

- Em momento de roda iremos perguntar ao grupo o que fizemos no dia anterior e recapitular com o grupo as situações;
- Iremos recapitular as situações significativas vividas no período de estágio com as crianças do grupo e agradecer a colaboração delas em nossa formação;
- Contaremos sobre a casinha que elas ajudaram a pintar e convidaremos elas para a festa que ocorrerá na inauguração da casinha;
- Agradeceremos as educadoras responsáveis pelo grupo e lhes presentearmos com uma lembrancinha feita pelas estagiárias;
- Daremos uma lembrancinha a cada criança do grupo.

Recursos:

- Bolo;
- Suco de frutas;
- Presente das Educadoras;
- Lembrancinhas das crianças;